

Perdoar



Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper¹ nos fala sobre termos e mentalidades:

Perdoar

Original: educacion.press/2018/08/02/terminos-y-mentalidades-perdonar/

Ao falar de agradecimento, dizíamos que não era muito diferente de perdoar. Essa frase pode nos ajudar a entender o que é perdoar. A maneira usual de entender o perdão, em muitos programas emocionais, é muito superficial em meu parecer e deixa as grandes perguntas sem responder. Geralmente, propõe-se que perdoar é atenuar os efeitos psicológicos que uma experiência desagradável desperta em cada um, ou entende-se que o perdoar é o controle comportamental necessário para que essa experiência subjetiva não entorpeça a vida cotidiana ou inclusive possa servir para melhorar outros aspectos com o argumento de que as coisas sempre são aprendidas.

Essa abordagem é muito superficial, já que fica meramente nos níveis comportamentais ou psicológicos, sem atender aos pessoais. Além disso, não é

¹ *Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.*

possível atender aos níveis psicológicos e comportamentais isoladamente sem que se produzam efeitos negativos na pessoa, pois esta, ao final, em sua interioridade, se sente desatendida.

Às vezes me dizem: Ei, todos nós aprendemos com uma bofetada dada no "tempo certo"! Neste caso, o perdão surge como reconhecer o que aconteceu e aprender da situação, esquecer e seguir adiante. Por um lado, essa maneira de conceber o perdão poderia ser útil quando se comete um erro, mas e se não houve esse erro? Ou, mesmo se houve um erro e o que se recebe não é uma bofetada, mas algo maior, como medir qual golpe se pode aguentar e qual não? Por outro lado, poder tirar vantagem da bofetada não justifica a bofetada, porque você também pode ter aprendido de maneira diferente. Nesse caso, como acolher o que foi vivenciado? Além de tudo isso, esse processo de perdão não leva a reparar a relação interpessoal danificada, mas a aliviar possíveis efeitos negativos. Então, o que fazemos com a relação interpessoal? Nós a deixamos morrer?

Ao falar sobre ressignificação (ver termo), colocamo-nos em um caso muito difícil: o do abusador e o de quem ele abusou sexualmente. Crianças tristemente abusadas se sentem culpadas por isso. Nesse caso, chamar-se "abusado" foi bom, já que assim deixa de considerar-se como "culpado". Ou seja, chamar-se abusado e o outro abusador teve seu efeito positivo para não cair na culpa prejudicial e, além disso, equivocada. Infelizmente, o menino se sente culpado porque a maneira como julga é sempre a mesma: "Se algo der errado no universo, é porque eu fiz algo errado". Por isso, reconhecer-se como abusado foi uma ajuda. Levou muitos anos para alcançar esse estado benéfico de saber que você foi abusado e não é culpado, mas depois disso, você precisa crescer e não parar por aí. É dizer, ser abusado não fala de tudo o que é ou do que pode ser. É necessário desprender-se desse termo para avançar, porque a pessoa é "mais" do que o abuso recebido (ver o termo agradecer para entender esse "mais"). Mas não se pode desprender-se do termo "abusado" se também não se supera o termo "abusador". Ou seja, não há como avançar se não estiver curando o passado e a única maneira de deixar de ser abusado é que o outro deixe de ser abusador, pois obviamente os termos abusado - abusador se requerem.

O outro deixa de ser o abusador quando descubro que o outro é uma pessoa, porque ser uma pessoa significa que o outro é "mais" do que o que aconteceu. Assim, o abusado descobre que ele também é uma pessoa, porque é "mais" do que o abuso recebido. **Perdoar é afirmar que ambos são "mais" do que o que aconteceu.**

Perdoar o abusador nesse caso não é declará-lo inocente nem culpado, mas é uma suspensão do julgamento. O outro verá como ele resolve sua vida, mas o abusado se colocada em uma relação respeitosa. Ao suspender o juízo e respeitá-lo, o abusado está fazendo algo com o abusador que ele não fez. Bem, o abusador lhe tratou como coisa, porque o outro nada mais era do que uma fonte de prazer. O abusado, por outro lado, o está tratando como pessoa. O abusador o tratou como "não sendo mais" e o abusado, ao perdoar, está lhe tratando como "sendo mais". A suspensão do juízo tampouco implica negar o que aconteceu; não se nega que o outro



causou uma dor, mas sim que o outro também é "mais" do que o que fez. Ser abusador não diz tudo o que o outro é.

A dinâmica do perdão que propomos não resolve a pergunta: O que fará amanhã aquele que foi abusado? A mudança é importante porque não é mais "o abusado", mas "que foi abusado", pois ele sabe que é "mais". Dizíamos que isso não dá resposta à pergunta: O que fazer amanhã? Mas, é claro, fornece à pessoa as melhores condições para respondê-la.

Essa maneira de entender o perdão torna possível afirmar que perdoar e agradecer não são dinâmicas diferentes, mas que se dão em contextos diferentes. Ambos consistem em reconhecer que o outro é "mais" do que sua presença. O que muda é o contexto, uma vez que a gratidão é dada em um contexto agradável e o perdão, em um contexto desagradável. Nos dois casos, acontece o mesmo: ao tratar o outro como pessoa, eu mesmo vivo como pessoa.

O efeito principal é, portanto, viver como pessoa. Mas, por outro lado, agradecimento e perdão são a melhor forma de unificar sua própria vida. E a unificação da própria vida é uma consequência e causa de que a pessoa possa formular uma resposta para a questão da identidade: quem sou eu? Assim, descobrimos uma dinâmica de crescimento pessoal na intensificação das relações interpessoais.

Haveria que perguntar-se quando é o melhor momento para perdoar, ou o que acontece com pessoas que não podem perdoar ou até afirmam que não querem perdoar. Obviamente, descobrir os benefícios do perdão não significa que tenhamos que empurrar alguém para esse processo. A gratidão, tanto quanto o perdão, tem um caráter de surpresa, de inesperado, de espanto. O agradecido fica surpreso ao ser tratado com generosidade gratuita. Mas, no caso do perdão, quem perdoa, onde se vê surpreendido por um tratamento carinhoso gratuito, se o que recebeu foi uma agressão? Aqui chegamos a uma situação muito difícil, porque só perdoando você tem a experiência de ser agradecidamente surpreendido. Surpreende poder continuar sendo uma pessoa em um contexto tão agressivo. Se aquele que é convidado a perdoar descobre essa experiência de generosa gratuidade pelas vezes em que foi perdoado, então poderá adiantar a alegria da reconciliação no momento da dor e poderá perdoar. É dizer, a pessoa agredida perdoa porque promove temporariamente a alegria interior da reconciliação. Por isso se diz que alguém perdoa quando já perdoou em seu coração. Porque é na intimidade e interioridade da pessoa, onde isto, assim como tudo o que é importante, se resolve.

Descobrir a complexidade desse processo faz com que ninguém possa ser forçado a perdoar e tenha que amá-lo e esperar que cada um viva seus processos. Se bem que, educacionalmente falando, não se rebaixa a tensão de que, para deixar de ser agredido, se necessita que o outro deixe de ser o agressor, tampouco é urgente que isso se dê. Ou seja, compreender que o agredido não perdoa porque há muita dor em seu interior não justifica que ele não perdoe. Mas é que aos demais não nos compete nem justificar, nem condenar, senão acompanhar e amar como outros também nos acompanham.